
PADRE CÍCERO – PODER, FÉ E GUERRA NO SERTÃO

Lira Neto

São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 560 páginas. ISBN: 9788535915587

O jornalista cearense Lira Neto, já conhecido do público brasileiro pela apresentação de biografias sobre o romancista José de Alencar, sobre a cantora Maysa e do general Castello Branco, oferece-nos agora uma obra fundamental sobre Padre Cícero Romão Batista. Trata-se de um trabalho extenso e de quase 600 páginas, uma biografia farta em detalhes e em documentação, fruto de um trabalho minucioso de muitos anos de investigação e pesquisa.

A obra parece vir em hora extremamente propícia. Afinal, desde os últimos anos se configura, no âmbito da Igreja, uma luta pela reabilitação plena da figura de Padre Cícero, o popular Padim Ciço, tão querido e adorado pelos nordestinos e por boa parte dos brasileiros e que, parece ser agora, um ponto fundamental na luta do catolicismo contra os movimentos evangélicos no Brasil. A história desse religioso, que pode agora ser canonizado pelo Vaticano, confunde-

se com a história do próprio Brasil sertanejo e nordestino, com as crenças típicas formadoras da mentalidade local (como o sebastianismo e a presença dos beatos sertanejos, por exemplo), com as lutas políticas da Primeira República (entrelaçadas de tenentismo, banditismo, cangaço). Enfim, o livro é um panorama muito instigante de religião e política, percorrendo desde o final do século XIX e alcançando até o primeiro governo de Getúlio Vargas. Por isso trata-se, segundo julgamos, de um trabalho fundamental para todos os interessados pela história e pela religião do Brasil nesse período, notadamente na região nordeste do país.

O livro é dividido em duas grandes partes: a primeira é denominada de *A Cruz*. Aqui avalia-se a formação do sacerdote Cícero desde os seus primeiros anos de seminário até o seu pastorado em Juazeiro, onde ocorrem os polêmicos milagres que lhe custarão a censura eclesiástica.

Há aqui um curioso quadro: o padre é retratado como um típico sertanejo, um homem de mentalidade sebastianista, dado ao misticismo e influenciado pela religiosidade dos beatos que percorriam vilas e cidades do nordeste brasileiro. O que ocorre aqui é, portanto, um choque cultural: Cícero e seu mundo se chocam frontalmente com uma Igreja de matriz europeizada e ainda defensora de dogmas advindos do Concílio de Trento. Nesse contexto, o sacerdote sempre foi visto pela hierarquia eclesiástica como um padre medíocre, isto é, um religioso com sérias dificuldades acadêmicas e intelectuais e profundamente arraigado ao seu mundo e aos valores de seu povo. Por isso é que, não fortuitamente, quando se tem notícias dos primeiros milagres de Juazeiro, onde se diz que a hóstia teria se transformado em sangue na boca da beata Maria de Araújo, um sacerdote europeu responsável pelo Seminário do Crato teria dito “que não acreditava que Deus sairia da Europa para fazer milagres no Juazeiro”.

Entretanto, a despeito de não ser visto como um padre brilhante pela cúpula eclesiástica, Cícero parece, ao menos nesse primeiro momento, sempre foi fiel aos preceitos da Igreja. Sua postura fortemente conservadora e seu discurso moral parecem ter feito eco em toda a ci-

dade de Juazeiro e o padre passa a ser pessoa respeitada numa terra onde a lei e bons costumes pareciam não existir. São vários os relatos do conservadorismo do padre e de como uma terra sem diretriz parece ter lhe obedecido e visto no seu carisma uma espécie de guia.

Com a ocorrência do episódio dos milagres, tudo parece ficar mais difícil. Cícero não pode negá-los e, seguindo toda a tradição mística da própria Igreja, tenta defender a ocorrência deles de acordo com os ditames da doutrina católica. Comissões de teólogos são enviadas ao Juazeiro e relatórios ora são feitos favoravelmente ao pleito do sacerdote e ora são feitos de forma contrária ao que deseja Cícero e seus fiéis. O fato a se notar aqui é a obstinada luta do religioso e seus paroquianos contra tudo e contra todos a fim de provar que Deus havia feito milagres no sertão. Nesse sentido, ele entra em polêmica clara e aberta contra o bispo de sua diocese na época e chega a ir até Roma a fim de convencer o antigo tribunal do Santo Ofício, mas tudo se mostra vão e ele acaba por ser visto sempre com desconfiança, chegando até mesmo a ser excomungado por poucos dias (e depois reabilitado como leigo). O fato concreto é que o sacerdote nunca mais seria, ao menos aos olhos da sua instituição, oficialmente um padre.

Impedido de rezar missas e ministrar ofícios, o povo além de ouvi-lo na sua própria janela o escolhe para ser padrinho de seus filhos. Daí advém o nome Padim Ciço, tão conhecido de todos os devotos sertanejos. Em outras palavras, Cícero deixa de ser padre para a Igreja, mas nunca perde tal título diante de seu povo e de um catolicismo festivo, místico, popular e até mesmo anárquico na sua própria forma de ser.

Já a segunda parte do livro é intitulada *A Espada*. Aqui revela-se claramente a faceta política do padre Cícero. Depois das frustradas tentativas de afirmar a veracidade dos milagres de Juazeiro e dos muitos combates com a hierarquia eclesiástica, o sacerdote termina por desenvolver o restante de sua trajetória na vida pública. Por influência de Floro Bartolomeu e dos muitos contatos com diversos coronéis da região - e também de um trânsito muito forte entre beatos e cangaceiros - Cícero acaba por se destacar nas lutas políticas do seu tempo. A partir do seu carisma como religioso, o sacerdote alcança facilmente a prefeitura de Juazeiro e lá tem sucessivos mandatos.

O pragmatismo político talvez tenha sido a grande diferença do seu misticismo para com Antônio Conselheiro e os beatos de Canudos. O padre se mostrou um hábil person-

agem na arte dos contatos políticos e das alianças, mostrando-se confiável tanto para o mundo político dos coronéis como até mesmo para importantes setores da política nacional. Uma prova de tal coisa foi a guerra que ele, juntamente com Floro Bartolomeu à frente, empreendeu contra o poder do Ceará e terminou por derrubar a aliança que então governava o Estado. Tal guerra foi um episódio não somente repleto de jagunços e beatos no combate como também foi estrategicamente apoiada por setores do governo brasileiro que desejavam a derrubada do poder local. Uma vez derrubado o governo local, Cícero chega até mesmo a ser vice-presidente do Estado (o que equivaleria hoje ao cargo de vice-governador).

Floro Bartolomeu, um médico baiano, que posteriormente será eleito deputado pelo Ceará, passa ser aqui a voz política de Juazeiro. Ele é quem articula toda a guerra para a derrubada do antigo governo, reúne jagunços e beatos para o combate. Sua liderança é firmada também pela violência e pela força. Por isso, depois de terminada a guerra, os jagunços e beatos são não somente dispensados, mas muitos são exterminados quer seja por conta do fanatismo - que agora parece comprometer a proposta “modernizadora” do novo governo, quer seja pela dispensa do banditismo, que agora não é mais

adequado ao que se pede de um governo dito civilizado. No final de sua vida há um claro confronto de tal personagem com padre Cícero, mas a aliança entre ambos foi fundamental e somente a morte de Floro termina com tal acordo.

Um dos episódios mais polêmicos da carreira política de Cícero é quando ele confere a patente de capitão de um exército de jagunços e cangaceiros para Lampião. O pedido, ainda que não feito oficialmente, partiu do poder central do Brasil, que desejava utilizar dos cangaceiros para combater à Coluna Prestes. Cícero, utilizando-se de seu carisma, nomeia Lampião como Capitão Virgulino Ferreira. Entretanto, por conta de sua argúcia política, Lampião recebe a nomeação e respeita profundamente o padre, mas sabe que uma vez feito aquilo que o governo deseja, teria o mesmo fim dos jagunços e beatos de Floro Bartolomeu. Por isso, ele recebe a patente e prefere seguir com

sua luta pelo sertão até ser finalmente capturado e morto.

Padre Cícero morre dono de muitas propriedades que são distribuídas aos amigos e para entidades religiosas. A mesma Igreja que tanto o censurou é a primeira a cobiçar sua rica herança e, mesmo o tendo criticado severamente por recolher dinheiro de romeiros, não vê agora problema algum em herdar os seus bens. Mas quem foi padre Cícero? Foi um herói? Um santo? Um milagreiro? Um impostor? Um político conservador? Talvez, ele tenha sido um pouco de tudo isso. O certo é que não se pode contar a história do Brasil do século XX sem levá-lo em conta. Padre Cícero é o retrato de uma gente, de um local, de um tempo, de uma eterna busca pela justiça de Dom Sebastião. Por todas essas razões, o livro de Lira Neto é altamente recomendável e participa de um debate que ainda promete muitos frutos.

Marcio Gimenes de Paula

Departamento de Filosofia
Universidade Federal de Sergipe
Endereço eletrônico: magipa@bol.com.br

Endereço para correspondência
Avenida Adelia Franco, 2850 - Bloco B -
apto. 301 -
CEP 49048-010 - Aracaju-SE.